



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

FRANCISQUINHA BARBOSA DA SILVA

NAZAREZINHO: UM OLHAR SOBRE A IDENTIDADE LOCAL DE UM POVO

SOUSA – PB

2014

FRANCISQUINHA BARBOSA DA SILVA

NAZAREZINHO: UM OLHAR SOBRE A IDENTIDADE LOCAL DE UM POVO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Especialista em Educação.

Orientadora: Ada Kesea Guedes Bezerra

Área de Pesquisa: A Sociedade Brasileira e as Diferenças Sócio-Cultural

SOUSA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586u Silva, Francisquinha Barbosa da
Nazarezinho [manuscrito] : um olhar sobre a identidade local
de um povo / Francisquinha Barbosa da Silva. - 2014.
42 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ada Keesa Guedes Bezerra,
Departamento de DECOM".

1. Cultura. 2. Identidade Cultural. 3. Cangaço. I. Título.

21. ed. CDD 306

FRANSQUINHA BARBOSA DA SILVA

NAZAREZINHO: UM OLHAR SOBRE A IDENTIDADE LOCAL DE UM POVO

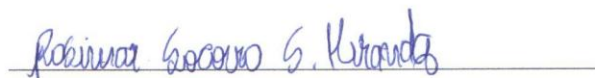
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do Grau de Especialista em Educação.

Aprovado em: 14 / 06 / 2014

BANCA EXAMINDORA



Ada Kesea Guedes Bezerra
Orientadora - UEPB



Rosimar Socorro Silva Miranda
Examinadora – UEPB



Lidiane Rodrigues Campelo da Silva
Examinadora – UEPB

DEDICATÓRIA

Ao meu filho, Cássio Henrique Barbosa de Sousa, que se constitui razão primeira de todos os meus esforços, que me alenta e me dá forças nesse caminhar.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom maior da vida.

Aos meus pais que me dão amor, força e apoio para que eu trilhasse essa empreitada e conseguisse alcançar um objetivo tão almejado em minha vida.

Ao meu filho, amor incondicional, pela sua existência.

Às professoras Ada Kesea Guedes Bezerra e Lidiane Rodrigues Campelo da Silva pela paciência, carinho e sabedoria compartilhados.

Aos meus colegas desse curso pela amizade, companheirismo e experiência partilhados.

Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho contempla uma breve reflexão teórica sobre o conceito de identidade local e a fundamental importância dos fatores culturais na construção e reafirmação da identidade de um povo. No caso em tela, da comunidade da Cidade de Nazarezinho – PB. Nesse sentido, apreende e propõe uma análise acerca de um conjunto de informações e aspectos sociais, políticos, religiosos e culturais que possibilitem uma análise do perfil social, cultural e histórico da cidade de Nazarezinho – PB. Procura traçar uma identidade local, tomando como enfoque esses aspectos, ao mesmo tempo em que configura-se como fonte de pesquisa para outros trabalhos vindouros sobre a temática proposta. Levando em consideração os aspectos da origem da comunidade em foco, relatos, obras e a memória coletiva do seu povo, aborda esses dados de modo reflexivo e traça um perfil com base, por exemplo, na história do cangaço, e na religiosidade como elementos de fundamental importância quanto à influência na formação da identidade cultural da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Local. Cultura. Memória. Cangaço.

ABSTRACT

This work describes a theoretical reflection on the concept of local identity and the fundamental importance of cultural factors in the construction and reaffirmation of the identity of a people. In the present case, the City Nazarezinho community - PB. In this sense, seize and proposes a review about a set of information and social, political, religious and cultural aspects that enable an analysis of the social, cultural and historical profile of the city of Nazarezinho - PB. Seeks to trace a local identity, taking as focus these aspects at the same time that appears as resource for others to come work on the proposed theme. Taking into consideration the aspects of the origin of the community in focus, reports, articles and the collective memory of its people, discusses these data in reflective mode and draws a profile based on, for example, in the history of the highwaymen, and religiosity as elements of fundamental importance and the influence on the formation of the cultural identity of the community.

KEYWORDS: Local identity. Culture.Memory.Highwaymen.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização geográfica de Nazarezinho	28
Figura 2: Vista do chamado Serrote do Pico	29
Figura 3: Grupo de Jovens praticando ciclismo no Serrote do Pico.....	29
Figura 4: Capa do Livro Vingança Não, de Pe. Pereira	32
Figura 5: Foto do cangaceiro Chico Pereira	33
Figura 6: Antiga casa do Jacu, onde morava Chico Pereira	33
Figura 7: Capa do Livro de Humberto Mendes	34
Figura 8: Vista da Igreja Matriz de São Sebastião	36
Figura 9: Procissão de São Sebastião.....	37
Figura 10: Praça Central.....	37
Figura 11: Vista da Prefeitura Municipal de Nazarezinho	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 CULTURA E IDENTIDADE.....	12
1.1 Por um conceito de identidade local.....	12
1.2 O fator cultural na identidade de um povo.....	20
2 NAZAREZINHO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E FATOS SOCIAIS.....	23
2.1 História e Memória como Elementos de Preservação da Identidade Local.....	23
2.2 Origem e Aspectos.....	27
3 UM ESTUDO DE CASO SOBRE A IDENTIDADE LOCAL DE NAZAREZINHO – PB.....	32
3.1 Uma identidade firmada nas histórias do o cangaço.....	32
3.2 Uma identidade calcada na Religiosidade.....	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

A reflexão suscitada sobre identidade local é relativamente recente e passou a integrar o rol de lista de discussões das ciências humanas e sociais após a discussão sobre o nacionalismo, alavancada com o surgimento dos estados nacionais.

A identidade local contempla elementos tradicionais e físicos numa espécie de interrelação entre os cidadãos de determinada comunidade, levando em consideração os seus valores e a sua crença.

Para fins de estudo e análise do conceito de identidade local, tomaremos como base a comunidade de Nazarezinho – PB, cujos aspectos sociais, políticos, religiosos e culturais são bastante passíveis de observação e comprovação, uma vez que a referida comunidade possui um espaço geográfico relativamente pequeno, o que torna possível esses estudos das diversas formas de expressão e convivência humanas.

O Município está localizado à Oeste do Estado da Paraíba, no sertão, na microrregião de Sousa – PB e apresenta uma área territorial de 227,3 Km² com relevo e hidrografia bastante diversificados. Sobre sua origem, a Professora Socorro Augusta em sua pesquisa afirma que “Nazarezinho, assim como as demais cidades sertanejas têm os fundamentos de suas histórias nos episódios da penetração do sertão paraibano, desencadeada pela atividade pastoril.” (AUGUSTA, 2003,p. 16).

A comunidade possui, como toda cidadezinha interiorana, uma economia bastante peculiar voltada para a pecuária, a pesca, o pequeno comércio, a agricultura, o artesanato e o turismo, baseado este último na realização das festividades locais (padroeiro, carnaval e São João) e em pontos turísticos que atraem muitas pessoas e incrementa o comércio.

Todos esses aspectos ganham outra dimensão quando analisados do ponto de vista de identidade e cultura, uma vez que, o que seria uma série de informações passa a constituir a identidade cultural de um povo, baseada nas suas relações de convívio, suas variadas formas de expressão, sua linguagem, seu modo, enfim de existir dentro de um contexto sócio-cultural.

Essa dinâmica local aponta sempre para o desenvolvimento e nesse sentido, para a afirmação de sua identidade local e sua conseqüente valorização. Como professora de História e cidadão nazarezinense, tal debate despertou em mim, o interesse de pesquisar e saber mais sobre a origem e a cultura da cidade.

Estudando e conhecendo a história de Nazarezinho, podemos refletir sobre a identidade local. É comum os próprios moradores da cidade, desconhecerem sua historicidade e os elementos simbólicos e relatos históricos que compõem sua gênese, sua formação e

identidade. A importância dessa pesquisa se apresenta na possibilidade de revelar a identidade local e identificar os ícones e símbolos de sua formação como cidade, como lugar.

O objetivo dessa monografia é, portanto, oportunizar uma reflexão sobre a identidade cultural da comunidade do Município de Nazarezinho a partir da análise de dados sociais, culturais, políticos e religiosos da própria comunidade.

Para tanto, os teóricos que constituem referência são Hall (2009); Silva (2011); Fernandes (2008) e Rousso (1998), entre outros, que abordam os conceitos de Identidade, Identidade local, memória e cultura local, entre outros que auxiliaram na constituição de um viés teórico para apreciação dos elementos históricos e culturais constituintes da identidade local.

A presente monografia divide-se em três capítulos:

O primeiro contempla uma reflexão sobre o conceito de identidade e de cultura, oportunizando elementos básicos para a discussão vindoura sobre a identidade cultural do Município de Nazarezinho – PB. Aqui, abre-se o questionamento sobre a importância do fator cultural na formação da identidade de um povo.

O segundo capítulo aborda a apreensão de características e informações sobre Município de Nazarezinho – PB, como sua origem, aspectos sociais, políticos e religiosos e culturais, perpassando eventos da sua história e memória locais.

O terceiro e último capítulo tenta unir as discussões dos pontos anteriores e faz uma breve análise sobre a identidade local do Município de Nazarezinho – PB com enfoque em elementos e dados históricos que reforçam uma imagem construída a partir de elementos e memórias do cangaço e da religiosidade como narrativas que compõem e reforçam o mito fundador e a identidade do lugar.

1 CULTURA E IDENTIDADE

1.1 Por um Conceito de Identidade Local

Sabe-se que o termo identidade remete ao conjunto das características individuais de cada sujeito, levando em consideração o meio social no qual esse sujeito se insere. O meio cultural no qual o sujeito faz parte, e reflete também as questões locais, como linguagem, política, religião, entre tantos outros.

Tal noção, elementar, a princípio, é fundamental para se compreender o que é identidade.

Hall (2006, p. 39) afirma que:

A identidade é algo [...] formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.

Para o autor, a identidade funciona como elo entre sujeitos, relatos, comunidades e situações ao longo do tempo compondo histórias específicas de cada grupo social.

Castells (1999, p. 22) assegura que a identidade:

É o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. Destaca-se, no conceito do autor, a questão relativa ao processo da constituição de significados.

O sujeito, individual, e do modo que ele é, recebe fortes influências em relação à religião, políticas, crenças, valores, etc. A noção de indivíduo, e de sujeito acabam por refletir o próprio conjunto de crenças definindo sua identidade.

Ora, se tais aspectos fazem parte de um constructo de identidade, fica evidente a noção de identidade como um processo, como algo em andamento, em formação como definiu Hall (2006).

A identidade do sujeito aparece como expressão da subjetividade dentro de um contexto mais amplo, o social, ou seja, características intrínsecas definem a identidade do sujeito, mas expressas num processo de interação permanente com o mundo que o cerca, e esse expressar-se com o mundo junto com suas características peculiares definem a identidade do sujeito.

Segundo Edgar Morin (1996) a noção de sujeito é controversa e pode se tornar evidente quando na primeira pessoa do singular (EU), no entanto é um convite à reflexão. Para o autor, o conceito de sujeito é de ordem biológica, no sentido de se ter uma lógica enquanto ser vivo, de se estar vivo. A existência do sujeito, portanto, liga-se também ao conflito existencialista.

O conceito de identidade compreende a relação do sujeito e do mundo, atuando nele e se reconhecendo como um ser único. Sua identidade é aquilo que ele compreende de si a partir das experiências vivenciadas no mundo no qual está inserido.

Uma identidade não é algo estático, inflexível, fixo, mas antes de tudo, dinâmico, flexível e passível de mudança, porque na medida em que experienciamos diversos aspectos da vida que por sua vez, agem sobre nós. Nesse sentido, podemos dizer que a identidade é construída ao longo das nossas vidas, e não algo determinado ou nato. Antes, produto da nossa vivência e da nossa transformação no e sobre o mundo que vivemos.

Vale ressaltar também os apontamentos de Santos (2004, p.2) ao pontuar que “as identidades estão constantemente sendo produzidas pela linguagem, assumindo um caráter instável e contingente”.

Nesse sentido, o autor nos apresenta um conceito de identidade atrelado ao uso da linguagem, uma vez que é por meio dela que essa identidade é materializada ou firmada socialmente. O homem se manifesta por algum tipo de linguagem e, assim sendo, seus atos, sua cultura, sua identidade possui caráter linguístico.

Já Silva (2011, p. 67) explica que “a conceitualização da identidade envolve o exame dos *sistemas classificatórios* que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas; por exemplo, ela é dividida em ao menos dois grupos em oposição – ‘nós e eles’”.

Nesse sentido, o autor aponta para um conceito relativo de identidade cujo foco está na relação dialógica que os indivíduos desencadeiam quando em sociedade, haja vista a dinâmica incansável da vivência em sociedade e as inúmeras reflexões que surgem a partir dos conflitos diários.

Segundo Silva (2011, p. 64):

Dizer, por sua vez, que a identidade e diferença são o resultado de atos de criação linguística significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem. Isto parece uma obviedade. Mas como tenderemos tomá-las como dadas, como “fatos da vida”, com frequência esquecemos que a identidade e a diferença têm que ser nomeadas. É apenas o meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais. A definição de identidade brasileira, por exemplo, é o resultado da criação de variados e complexos atos linguísticos que a definem como sendo diferente de outras identidades nacionais.

Também Fernandes (2008, p.4), como Santos (2004), aponta um conceito de identidade elaborado a partir das reflexões sobre o uso da linguagem e do discurso que realiza: “o conceito de identidade é entendido como a articulação entre as diferentes posições de sujeito que o indivíduo ocupa nos diferentes discursos que o interpelam ao mesmo tempo”.

Em pesquisa no dicionário Aurélio, da língua portuguesa, é possível encontrar a seguinte definição para a palavra identidade:

[Do lat. *Identitate*.] S. f. 1. Qualidade do idêntico. (...) 2. Conjuntos dos caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, defeitos físicos, impressões digitais, etc. 3. O aspecto coletivo de um conjunto de características pelas quais algo é definitivamente reconhecível, ou reconhecido. (...) 4. Cédula de identidade. 5. *Alg. Mod.* Elemento identidade. 6. *Filos.* Qualidade do que é o mesmo. (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, 2009, p. 234)

Os conceitos de cultura abordados dão ênfase aos contextos sociais e culturais nos quais as identidades e, é claro, as diferenças, são produzidas. Nesse sentido, dizemos que as identidades não são naturais, nem determinadas biologicamente.

Hall (2006), por sua vez, afirma que:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

O autor aborda a temática da identidade sob a perspectiva de sua evolução: para ele, há uma mudança de identidades dos sujeitos, onde as velhas estão dando espaços a novas identidades sociais que constituem a sociedade moderna. É ele quem destaca três concepções bastante distintas de identidade de sujeito: o primeiro, o sujeito do Iluminismo:

O sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. (HALL, 2006, p. 10).

Essa concepção de identidade aponta para uma abordagem egocêntrica, haja vista o sujeito considerar-se o centro do uso de sua razão e do seu conhecimento que tentava aperfeiçoar, ou desenvolver durante toda a sua vida.

A segunda concepção refere-se ao sujeito sociológico:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. (HALL, 2006, p. 11).

Essa perspectiva, por sua vez, coloca o enfoque na sociedade ou no sujeito enquanto ser social, dotado de conhecimentos que nasciam das relações interpessoais e para elas se voltava. Aqui, o mundo a sua volta era o palco das observações humanas e o homem o autor da história que, naquele ambiente, tentava construir.

Por fim, a terceira abordagem de identidade refere-se ao sujeito pós-moderno:

[...] conceptualizado como não tendo ainda uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 2006, p. 12-13).

Aqui, conforme se observa o autor chama a atenção para a vulnerabilidade de conceitos e abordagens sobre a identidade do sujeito pós-moderno, uma vez que a flexibilização e o modo rápido e intenso como o homem transforma o seu mundo não permite

uma concepção rígida de identidade, pois ela acompanha (ou é traçada), pela transformação dinâmica da sociedade moderna.

De acordo com Silva (2007, p. 64):

Consideramos a diferença como um produto derivado da identidade, nessa perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença [...] além de serem independentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística.

Para o autor, conceituar identidade exige uma discussão acerca de diferenças, unindo-as como duas faces de uma mesma moeda, ao mesmo tempo em que traz o critério linguístico para a referida discussão.

A discussão sobre identidade, diferença e cultura tem se destacado como questão fundamental nas discussões atuais, em especial, na afirmação da identidade nacional, uma vez que preconiza um reconhecimento geral da cultura.

Os conceitos de identidade local, por exemplo, conforme mencionado, vem passando por transformações e as necessidades de reflexão sobre a temática e o redimensionamento de novos conceitos fazem-se urgente, em especial, no que tange à influência do processo de globalização, que cada vez mais, avança nos espaços mais remotos e nas comunidades mais modernas deixando os rastros da sua incontrolável influência.

Independente de considerarmos tais reflexões certas ou erradas, as questões relacionadas à identidade e à cultura de um povo deve ser tema constante de debates e de pesquisa, principalmente em decorrência da necessidade de se reconhecer a importância de se preservar a identidade de um povo, sua cultura, seus valores, suas crenças, sua originalidade.

O município de Nazarezinho – PB, tomado como objeto de estudo, possui espaço de observação e de comprovação de toda a discussão aqui realizada dado o seu caráter provinciano, no sentido poético da palavra, sua dimensão cultural arraigada de mecanismos folclóricos, históricos, linguísticos, turísticos, políticos e culturais.

Falar em cultura, identidade, diferença de um povo especificamente, traz à tona questões das mais diversas instâncias de uma sociedade. É necessário, entretanto, dar enfoque a uma ou algumas delas para que se possa delimitar o perfil de uma comunidade. No caso de Nazarezinho, especificamente, sem sombra de dúvida, essas instâncias dizem respeito aos fatores religiosos, políticos e de turismo, pois compõem a mola mestra em volta da qual toda a cultura local gira e constrói sua identidade.

Para Hall (2006, p. 59):

[...] não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional.

Para o autor, em termos gerais, o conjunto de diferenças que compõem a cultura de um povo torna-se, de modo mais amplo, uma unidade que caracteriza o todo, como se, peças de um mosaico formassem ao final, e de longe, uma figura uma. Indivisível e indestrutível pelo poder da convivência das relações sociais e da dependência humana por ser social e querer ser aceito como tal.

Por fim, a questão da identidade local, nesse caso, acabaria por se diluir junto com tantas outras nesse mosaico, constituindo algo maior, mais distante e mais abstrato, e que independe da atuação de um indivíduo ou de uma dada comunidade. Esse algo é a identidade nacional, comum a todos, pois geral, abstrata e imperceptível.

Quando discutimos sobre identidade local, trazemos à tona também questões acerca dos desafios que convergem para essa discussão, como por exemplo, o risco da aculturação. Como afirma Vieira Filho (2005, p. 04):

O contato [dos habitantes locais] com os turistas tende a estimular uma maior comercialização da vida social e das manifestações culturais locais – que passam em boa medida a ser produzidas para esse mercado –, cópia dos padrões de consumo e comportamentos de turistas, crescente individualismo e emergência de novos valores (políticos, sociais, religiosos, morais), alterações de normas e costumes e formas como a identidade é vivenciada nesses locais.

Nesse sentido, alguns fatores constituintes da identidade local, como o turismo, por exemplo, traz o risco dessa perda de identidade ou de uma aculturação pela influência trazida pelos visitantes. De modo geral o turismo causa modificações várias na sociedade, na cultura e na identidade das localidades que recebem os turistas, interferindo não apenas naqueles aspectos socioculturais, mas em todo o ambiente natural, enquanto elemento contemporâneo e fruto da globalização.

Conforme foi dito, a questão do turismo na identidade cultural local aponta para duas vertentes: de um lado ele ocasiona a perda da identidade de uma comunidade; de outro, fortalece sua cultura. Entretanto, atualmente, diante dos avanços e do processo de globalização, esse aspecto deve ser encarado como algo dinâmico e flexível que está em

constante transformação dentro da comunidade. Nesse sentido, não se pode falar em perda de uma identidade, mas em transformações.

Sobre esse processo de globalização e sua influência cultural, Hall (2006, p. 74) afirma que:

Os *fluxos culturais*, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas” – como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes uma das outras no espaço e no tempo. À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural.

Com o fenômeno da globalização, tratar conceitos de lugar e identidade requer maiores reflexões sobre as transformações e a forma de organização de um povo e as influências externas a que estão sujeitos. Requer, enfim, que sejam revistos vários aspectos, entre eles, seus valores, seus costumes, suas crenças e sua cultura.

Mas afinal, o que é identidade local? Para Smith (2002, p. 215):

A identidade local – que chamo de naturalidade – é assim como Anderson entende a nação: “resultado de um cruzamento complexo de forças históricas... produzido pela erosão das tradições religiosas e que depois de criados, tornam-se moduladores”. E se Anderson vê as raízes das nações nas “comunidades religiosas” e nos “reinos dinásticos”, também vemos claramente a naturalidade baronense – assim como a maioria delas – enraizada numa comunidade religiosa [...], entretanto, assim como Stuart Hall acha das culturas nacionais e do nacionalismo, acreditamos que a naturalidade [...] é também um discurso e que também como diz ele, constroem significados contidos nas histórias, memórias e imagens dela também construídas.

Na perspectiva do autor e considerando as colocações de Anderson e S. Hall, a identidade local de um povo tem suas raízes em seus aspectos religiosos, além de se configurar também os aspectos discursivos.

No Município de Nazarezinho, por exemplo, o fator religião foi quem originalmente abriu espaço para o surgimento da comunidade.

De acordo com o relato da historiadora Socorro Augusta em sua pesquisa intitulada “*Nazarezinho: das origens aos dias atuais*”:

Joaquim Maria Gonçalves Braga que em Nazarezinho também chegou, no início do século XIX, contraiu matrimônio com Francisca Xavier de Albuquerque, filha de Francisco Lins de Albuquerque. Em 1865 doou terras para o patrimônio da capela de São Sebastião. Dele provém o numeroso ramo da família Gonçalves Braga que, em Nazarezinho, espalhou-se pelos municípios de Sousa e Cajazeiras. (AUGUSTA, 2003, p. 17).

A doação do terreno para a construção da capela foi determinante para que começassem a se fixar naquela região várias famílias, estabelecendo-se assim um traço forte da cultura e da identidade local nazarezinense. Ainda nos dias atuais é este fator (o religioso) o mais forte expoente cultural e a espinha dorsal da identidade local dessa comunidade, pois suas crenças, seus valores estão de tal modo fortalecidos que determina em grande parte o comportamento das pessoas.

Smith (2002) diz ainda que:

A identidade local – ou naturalidade – também cria diversas estratégias discursivas [...] como: a narrativa do lugar [...], a ênfase nas origens, na continuidade, na tradição [...], a invenção da tradição, um mito fundante [...], a idéia de povo puro e original.

Essas chamadas “estratégias discursivas” orientam a identidade local no sentido de constituir critérios ou traços distintivos para a sistematização histórica da comunidade. Nazarezinho, por exemplo, possui um “mito fundante” bastante religioso (ou poético), como assinala a historiadora Socorro Augusta (2003, p. 18):

O padroeiro escolhido para a capela tem sua justificativa num fato que os antepassados transmitiram de geração a geração: conta-se que Manoel Siqueira era senhor de escravos e possuidor de muitas terras nessa região, tendo sido um dos maiores colaboradores na construção da capela. Tinha ele um filho de seis anos por nome Sebastião. Certa vez, um menino escravo brincava com seu senhorzinho de matar lagartixas. Em determinado momento, o pequeno escravo lançou uma flecha contra uma lagartixa que surgia na parede e justamente naquele momento Sebastião saía à porta, sendo atingido pela flecha atirada pelo escravo. O ferimento da flecha causou a morte do menino Sebastião. Então seu pai pediu aos companheiros de construção da capela que o seu padroeiro fosse São Sebastião, por ter sido morto também por flecha [...]. Com a construção da Capela de São Sebastião, o povoado passou a ser conhecido como São Sebastião do Pico.

A pesquisa da historiadora mostra-nos um traço fundamentalmente importante na identidade local da cultura nazarenoense: a religião. Aliás, de modo bem intenso, as festividades anuais, o comércio, a política, todos os outros aspectos locais giram em torno das representações religiosas do município: Festa de São Sebastião, em janeiro; Coroação de Nossa Senhora, em maio; Páscoa; Festas Juninas: São João e São Pedro; Natal, entre outras, todas tem o caráter religioso como cerne.

Nesse sentido, falar em identidade local é falar dos traços que delimitam o perfil de um povo, suas características, seu comportamento, seu *modus vivendi*, pois não há uma definição de identidade local, conforme foi visto, que leve em conta apenas um critério.

O que destacamos é que esse perfil muda conforme a cultura, os costumes, os valores de um povo. Cada gente possui seu traço que o distingue de outros, seja o turismo, a religião, a política, a comida, enfim, a forma como cada comunidade se organiza, baseada num conjunto abstrato de normas de convivência, pautadas em valores específicos determina sua identidade local.

Essa identidade, segundo Hall (2006) é natural, não se configurando como algo imposto, planejado ou artificial, mas que se organiza de modo tácito e quase de maneira inconsciente na comunidade.

1.2 O Fator Cultural na Identidade de um Povo

Antes de adentrarmos a uma reflexão mais específica sobre a cultura e a identidade de um povo ou de uma comunidade especificamente, é de fundamental importância que façamos um exercício prévio de reflexão acerca de alguns conceitos básicos que circundam a temática e que, certamente, nos ajudarão a compreender melhor certos fatos que ocorrem em nossa sociedade.

Em relação ao conceito de cultura podemos destacar as seguintes observações traçadas por Santos (2004, p.5):

A cultura organiza e regula as práticas sociais através da luta entre os diferentes grupos sociais pela legitimação de certos significados em detrimento de outros, de forma que poderíamos dizer que a luta pela significação em uma dada cultura está relacionada como luta pela legitimação dos significados nela implicados.

De acordo com a citação posta, o conceito de cultura aponta diretamente para as práticas ou vivências sociais das pessoas em seus grupos específicos, uma vez que é nesse círculo espacial que esses indivíduos atuam, legitimando os seus atos, perpetuando seus valores e construindo sempre novos conhecimentos.

Para Fernandes (2008, p.2):

[...] uma noção de cultura que, rejeitando ideologias hegemônicas, a interpreta como ‘um terreno contestado, um local de luta e transformação [...] A cultura é, então, um campo onde significados são compartilhados, ao mesmo tempo em que se travam lutas em torno dessa significação.

Nesse sentido, o autor nos passa um conceito de cultura que dá enfoque a uma postura crítica e ativa do indivíduo, enquanto autor da sua história individual e coletiva. O ser construtor do seu meio. E mais ainda, aponta para o caráter transformador desse espaço ocupado pela diversidade de seres, de conhecimentos e de anseios, muitas vezes conflitantes.

Esses conflitos constituem, não em um sentido restrito da palavra, uma luta corporal ou moral, mas toda a atuação do homem em seu meio visando não apenas uma imposição de si sobre os outros, mas especialmente a afirmação da sua identidade dentro do espaço de uma sociedade específica na qual está inserido.

De acordo com os fragmentos citados que orientam a conceituação de cultura, podemos perceber que os autores apontam para uma vertente ativista, onde o homem é um ser dotado de “poderes” tais que o torna capaz de lutar para se firmar no seu meio social.

De maneira simples, pode-se afirmar que Cultura diz respeito ao conjunto de manifestações de caráter social, linguístico, artístico, político, religioso, enfim comportamental de um povo ou de uma dada civilização.

Desse modo, fazem parte da cultura de uma comunidade atividades ou manifestações como: música, teatro, rituais religiosos, língua falada e escrita, mitos, hábitos alimentares, danças, etc. Essa capacidade que o ser humano tem de produzir cultura torna-o diferente das demais espécies animais.

Dessa forma, pode-se inferir que cultura é tudo aquilo que o homem produz, é o resultado da sua ação na sociedade, no mundo, e assim o sendo, não podemos falar em níveis de cultura, pois não existe uma cultura melhor que outra, superior ou inferior, apenas culturas que, em suas variadas formas de expressão, são diferentes.

Para Laraia (2001, p. 27):

A cultura, mais do que herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações [...] é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos... adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que a agir através de atitudes geneticamente determinadas. A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Esse processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo.

Para o autor, a cultura deve ser conceituada não com base em fatores biológicos ou que apontem para a questão da predeterminação ou predisposição humanas. Confirma o conceito de cultura como fator social.

De outro modo, é possível compreender a cultura como uma atividade dinâmica, passível de transformações, de mudanças, pois é reflexo da ação do homem dentro de um contexto histórico, arraigado de marcas deixadas pelos antepassados e ao mesmo tempo, constituinte de uma cultura futura. Sobre esse dinamismo da cultura, Laraia (2001, p. 99) exemplifica:

Uma moça pode hoje fumar tranquilamente em público, mas isto somente é possível porque antes dela numerosas jovens suportaram zombarias, as recriminações, até que estas se esgotam diante da nova evidência. Por isto, num mesmo momento é possível encontrar numa mesma sociedade pessoas que têm juízos diametralmente opostos sobre um novo fato.

Assim, a dinamicidade da cultura permite essa variedade de valores e de crenças coexistirem em uma mesma época, na medida em que contribui para firmar ou delimitar a identidade de um povo.

2NAZAREZINHO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E FATOS SOCIAIS

2.1 História e Memória como Elementos de Preservação da Identidade Local

Para fins de análise e discussão sobre a temática, abordaremos alguns conceitos a de memória e de história, de modo que possamos refletir acerca desses processos e sua relação com a identidade e a cultura de um povo.

Para Moreira (200, p. 1):

A Memória, no sentido primeiro da expressão, é a presença do passado. A memória é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.

Segundo o autor, o conceito de memória liga-se a algo já ocorrido e, nesses termos, remete-nos ao passado. Trata-se de algo retomado em uma situação presente, mas com foco em uma situação já expirada, consumada. Ainda para o autor, é um conceito abstrato, uma vez que remonta a “construção psíquica e intelectual”.

Outra caracterização no conceito de memória remete ao fato de ser algo social, ou seja, um evento ocorrido dentro de uma esfera social, de um contexto de existência daqueles sujeitos envolvidos.

Para Rousso (1998, p. 94 – 95):

Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, as rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.

Para o autor, a concepção de memória retoma o conceito de identidade de um povo, na medida em que ela não permite a descontinuidade de um pensamento, de uma cultura, de uma vivência, através do seu resgate ou da tomada de consciência, o que ele chama de “percepção” de si e do mundo que o cerca.

Dessa forma, falar sobre memória é falar sobre cultura, sobre história, sobre fatos sociais, e acima de tudo, é falar sobre a identidade de determinada comunidade que se fixam como constructo da imagem e da ideia que se faz de um lugar.

Segundo Halbwachs(1990) “a memória deve ser entendida também ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. (POLLAK, 1992, p. 38).

Já para Pollak (1989, p. 8) “o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e de grupo”.

Sobre o assunto, Araújo&Santos (2007, p. 1) afirmam:

Maurice Halbwachs foi o primeiro sociólogo a resgatar o tema da memória para o campo das interações sociais. Rejeitando a idéia corrente em sua época de que a memória seria o resultado da impressão de eventos reais na mente humana, ele estabeleceu a tese de que os homens tecem suas memórias a partir das diversas formas de interação que mantêm com outros indivíduos. Assim sendo, determinadas lembranças são reiteradas no seio de famílias, outras entre os operários que trabalham em uma fábrica e assim por diante. Como os indivíduos não pertencem apenas a um grupo e se inserem em múltiplas relações sociais, as diferenças individuais de cada memória expressam o resultado da trajetória de cada um ao longo de sua vida. A memória individual revela apenas a complexidade das interações sociais vivenciada por cada um.

Segundo as autoras, Halbwachs conceituou memória do ponto de vista interacional, onde o sujeito, em interação com o seu grupo social, realiza atos ao decorrer durante toda a sua existência. Tais atos são, na maioria das vezes, resultados dessa interação com a família, colegas de trabalho e outros grupos aos quais nos ligamos durante a nossa existência em sociedade.

Moreira (2000, p. 1) vai às origens dos contos gregos para explicar a relação entre memória e história:

Foram os gregos antigos quem fizeram da Memória uma deusa, de nome *Mnemosine*. Ela era a mãe das nove musas procriadas no curso de nove noites passadas com Zeus. *Mnemosine* lembrava aos homens a recordação dos heróis e dos seus grandes feitos, preside a poesia lírica. Deste modo, o poeta era um homem possuído pela memória, um adivinho do passado, a testemunha inspirada nos “tempos antigos”, da idade heróica e, por isso, da idade das origens. Portanto, na mitologia grega, as musas dominavam a ciência universal e inspiravam as chamadas artes liberais. As nove filhas de *Mnemosine* eram: *Clio* (história), *Euterpe* (música), *Talia*(comédia), *Melpômene*(tragédia), *Terpsícore*(dança), *Erato*(elegia), *Polínia*(poesia lírica), *Urânia* (astronomia) e *Calíope*(eloquência). Assim, de acordo com essa construção mítica, a história é filha da memória. Entretanto, os cerca de vinte e cinco séculos de existência da historiografia demonstram uma relação ambígua e tensa entre *Mnemosinee Clio*...

Essa relação (ainda que mística e lendária) entre memória e história não poderia ser melhor representada, em decorrência dos laços fortes e seguros entre essas duas entidades as quais recorre a humanidade para sua afirmação histórica e cultural. A história, filha da memória, porque ela só pode se concretizar enquanto entidade abstrata a partir de retomadas de fatos ocorridos e vindos à consciência do sujeito histórico.

Ainda explicando essa relação, o autor relata:

Segundo Peter Burke (2000), a visão tradicional das relações entre a história e a memória se apresentava sob uma forma relativamente simples: a função do historiador era ser o guardião da memória dos acontecimentos públicos, quando escritos para proventos dos autores, para lhes proporcionar fama, e também em proveito da posteridade, para aprender com o exemplo deles. Assim, para Cícero (106 a.C. -43 a.C.), a história era a vida da memória. Na mesma perspectiva, Heródoto (c. 484 a.C. - 425 a.C.), Jean Froissart (c. 1337-1410) e o Conde de Clarendon (1609-1674) afirmaram que escreviam para manter viva a memória dos grandes fatos e feitos notáveis. (MOREIRA, 2000, p.12).

Para o autor, essa relação, já objeto de estudo na antiguidade, se configura como uma relação da qual não se pode desvincular uma da outra. Desse modo, história e memória são lados distintos de uma mesma moeda, que antes não se anulam, mas se completam.

Sobre essa diferença ou essa relação entre história e memória, Araújo&Santos (2007, p. 1) afirmam que:

Ao contrário da história, as memórias coletivas estariam ligadas a movimentos contínuos e lembranças transmitidas entre gerações. Não obstante, elas também têm limites à compreensão do passado, pois o indivíduo não tem consciência de que transforma o passado segundo sua própria percepção. A memória, individual ou coletiva, é vulnerável a usos e manipulações (Nora, 1984; Davis e Starn, 1989). Assim sendo, tanto a história como a memória teriam limites no acesso ao passado. Na distinção que fez entre memória e história, Nora contextualizou as diferentes formas de ida ao passado. Mostrou que na modernidade as percepções de tempo e as narrativas históricas seguem os processos de aceleração do tempo.

Para as autoras, essa diferença entre história e memória retoma uma postura mais crítica no sentido de se levar em conta o fator social e filosófico, na medida em que determina como característica da memória (e da história) uma “compreensão do passado”. É aquilo que Henry Rousso resolveu chamar de “percepção de si e do outro” conforme foi demonstrado anteriormente.

Para exemplificar, citaram as narrativas históricas que ao seguir as alterações do tempo demonstram as marcas de uma percepção peculiar de determinada época e de determinada cultura.

Esses conceitos ora abordados sobre a memória e sobre história apontam para uma sintonia e uma relação extremamente intensa entre essas duas entidades, na medida em que se delineiam uma a partir da outra dentro de uma perspectiva reflexivo-histórico-filosófica, conforme pudemos até aqui constatar.

São conceitos extremamente abstratos e lidam com a matéria da existência humana, levando-nos muitas vezes, a questões de cunho filosófico, uma vez que lidam com conceitos e idéias que nos remetem sempre a reflexões e à elaboração de novos conceitos. Para Rabelo (2007, p. 58):

A memória não é estável, ela pode ser alvo de reflexão e modificação. A reelaboração das lembranças que nos foram passadas pelo social é importante, mas não é a única medida possível. O uso da oralidade e da troca de experiências são formas de reformular a memória, criando uma memória diferente, singular. A memória atrelada ao poder que quer controlar e limitar os indivíduos a uma identidade fixa não visa produzir um sujeito crítico, que tenha o governo de si.

Segundo a autora o conceito de memória é flexível, uma vez que é passível de modificação. Cita como exemplos a oralidade e as experiências que temos para afirmar esse caráter mutável, e até transitório.

Essa perspectiva ganha fulcro no fato de que o conceito de memória remete, conforme já vimos, ao conceito de história e história é antes de tudo, processo, e como tal, também mutável, instável, flexível.

A autora continua afirmando que:

A memória nunca é totalmente individual, pois ela atinge o sujeito na sua expressão coletiva, a partir de mecanismos sociais. Para reformular a memória recebida da sociedade faz-se necessário ligá-la à singularidade, a uma reflexão de si mesmo, sendo que essa reformulação só pode ser feita com a ajuda de seus pares. (RABELO, 2007, p. 58).

A autora ratifica a imbricação dos conceitos de memória com os fatores sociais. Ora, se a memória é a retomada de fatos ocorridos no passado, tais fatos possuem uma certa existência e essa existência se concretiza dentro de um contexto social de interação com o outro ou com o mundo que vive.

Esses fatos sociais ganham destaque na medida em que se configuram como objeto, matéria da memória e da história, pois esta se constitui como uma sucessão desses fatos sociais e a memória é o resgate ou a tomada de consciência desses fatos.

2.2 Origem e Aspectos

A cidade de Nazarezinho tem 52 anos de emancipação política e foi emancipada no dia 31 de dezembro de 1961, sob a Lei nº 2.659 de 22 de dezembro do mesmo ano. Seu aniversário é comemorado nesse dia.

Com uma população de 7.342 habitantes, a cidade tem seu sustento basicamente em atividades comerciais e agricultura e pecuária, como afirma a historiadora Augusta (2013, p. 41):

O município de Nazarezinho, desde os seus primórdios, apresenta atividades produtivas eminentemente do setor agropecuário. [...] Dentre os diversos produtos cultivados no município, destacam-se o milho, o feijão vinga, o arroz, a cana-de-açúcar, o coco, a banana, a goiaba, o tomate e outros. [...] A pecuária nazarezinha desenvolve-se sob a utilização do cultivo das pastagens de pisoteio, corte, as consideradas nativas e os restolhos de culturas. Nessa atividade destacam-se: a bovinocultura [...], a caprino/ovinocultura [...], a suinocultura [...]

Segundo a autora, as atividades comerciais locais são, como em tantas outras pequenas comunidades, baseadas na agricultura, a maioria doméstica, para o sustento e nas atividades de pecuária.

Grande parte do comércio é movido com capital advindo também do funcionalismo público municipal e estadual essencialmente.

A cidade está situada a 450km de distância da capital e faz fronteira com os municípios de Sousa e Marizópolis (ao norte), Carrapateira, São José de Piranhas e Aguiar (ao sul), São José da Lagoa Tapada (ao leste), e Cajazeiras e São João do Rio do Peixe (ao oeste).



Figura 1: Mapa de localização geográfica de Nazarezinho
Fonte: <http://www.google.com.br/imgres>

De acordo com o seu mapa geográfico, o Município de Nazarezinho – PB é constituído de 74 comunidades rurais; parte delas com eletrificação rural, abastecimento singelo de água e unidades escolares. No entanto, há uma acentuada necessidade de investimento em infraestrutura de apoio ao processo produtivo, pois as dificuldades na luta pela sobrevivência está aumentando o êxodo rural e afetando o desenvolvimento socioeconômico do município como um todo.

O atrativo geográfico da comunidade diz respeito a uma pedra, localizada no cume da serra e que deu origem ao primeiro nome da comunidade. De acordo com Augusta (2003, p. 18):

Com a construção da capela de São Sebastião, o povoado passou a ser conhecido como São Sebastião do Pico, nome que conservou por algum tempo até que um Missionário ao visitar a região sertaneja resolveu mudar a sua denominação para Nazaré. Com o passar do tempo o povoado passou a ser chamado de Nazareth, grafado assim mesmo, à maneira antiga, o que levava o povo a chamar de Nazarete.

O Serrote do Pico, como é atualmente chamado, constitui um ponto turístico bastante atraente para jovens que gostam de fazer rapel, montanhismo e outros esportes radicais na natureza, pois se constitui como uma pedra localizada no topo de uma montanha, como se pode perceber nas Figuras 2 e 3.



Figura 2: Vista do chamado Serrote do Pico

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres>



Figura 3: Grupo de Jovens praticando ciclismo no Serrote do Pico

Fonte: www.panoramio.com.br

No entanto, ainda não houve um investimento efetivo no local que já foi avaliado por muitos especialistas como sendo fonte de um enorme potencial turístico. Nesse sentido, Formiga (2011, p. 24) afirmou que:

Por outro lado, as explorações turísticas do Serrote do Pico - maior monumento natural da cidade -, do rio Piranhas - que banha de forma perene as terras do município situadas a oeste -, e do Olho d'Água do Frade - com suas lendas e belezas naturais -, ainda não obtiveram a atenção de empreendedores locais, carecendo de implantação de infraestrutura e logística adequadas.

O autor critica a falta de atenção dada pelos políticos e empreendedores locais acerca do descaso quanto ao trato dos pontos turísticos da cidade.

De fato, não um investimento concreto nesse setor, restando apenas algumas ações singelas com base no apoio dos setores culturais nacionais ou estaduais.

Ainda sobre o nome da cidade, a historiadora Augusta (2003, p. 18) afirma que:

Depois dos Lins de Albuquerque, dos Gonçalves Braga, dos Costas, muitas outras famílias advindas das regiões mais próximas e também das mais distantes foram chegando e se estabelecendo em Nazareth; e assim o povoado foi crescendo até elevar-se a categoria de vila, passando a ser chamada de Nazarezinho.

Nazarezinho possui 21 escolas, sendo 19 da rede Municipal de Educação e 2 da rede estadual, e possui duas unidades de saúde na sede da cidade.

No que tange ao registro sistematizado da sua própria história, há poucos documentos, destacando dois livros básicos: “*Vingança Não*” (Figura 4) publicado em 1966 de autoria de Pe. Pereira¹, que aborda a questão do cangaço na comunidade vivenciada à época de Lampião, aproximadamente no ano de 1930; e o livro lançado recentemente “*Um olhar da estrada: Memórias de Nazarezinho*” (Figura 7), de 2011, de Humberto Mendes de Sá Formiga², uma espécie de coletânea de memórias locais. Mas a obra primeira que serve de referência para todas pesquisas sobre a comunidade é de autoria da professora historiadora Socorro Augusta intitulada: *Nazarezinho: das origens aos dias atuais*, de 2003.

Conforme aponta Augusta (2003, p. 16) Nazarezinho tem suas origens nas atividades de pecuária, onde se criavam o gado bovino, o suíno e a caprinocultura. Essas e outras atividades permanecem até hoje como fundamentais na economia da comunidade de nazarezinense.

Também sua origem aponta para a dedicação aos trabalhos de engenhos de cana-de-açúcar, que funcionou como ponto forte da economia local durante muito tempo. E enfim, na monocultura escravista e latifundiária e, é claro, nos processos de colonização e povoamento do sertão paraibano.

¹Francisco Pereira Nóbrega, nasceu na Fazenda Jacu, vila de Nazarezinho, então município de Sousa, no dia 24 de abril de 1928. Filho da professora pombalense Jarda Nóbrega e de Francisco Pereira Dantas, um dos maiores ícones da história do cangaceirismo, celebrizado no meio como Chico Pereira. Em 1968 abandonou a batina, mas nunca deixou de ser padre, como gostava de dizer. Em 1971 contraiu núpcias com Lígia Aparecida Moura Pereira Nóbrega, união que deu origem aos filhos Melissa, Marama e Francisco.

² Humberto Mendes de Sá Formiga é filho de Nazarezinho, Engenheiro Agrônomo e atualmente Consultor Legislativo do Senado Federal na área de política agrícola e agrária.

O próprio resgate dessa origem da comunidade nazarezinense é baseado na memória e nos relatos, por exemplo, do Professor Deusdet Leitão, conforme aponta Augusta (2003, p. 17):

Segundo entrevistas concedidas por alguns de seus descendentes, inclusive do seu tetraneto, o Professor e Historiador Deusdet Leitão, o fundador de Nazarezinho era natural de Pernambuco e veio para os sertões do Rio do Peixe, no início do século XIX, atraído pela presença nessa região dos seus parentes que provinham de Luiz Gomes de Albuquerque, o sesmeiro que se instalou nas proximidades da lagoa de São Francisco e ali deu início ao povoamento daquele trecho do extremo oeste paraibano, onde hoje está situada a cidade de Cajazeiras. Luiz Gomes de Albuquerque era o pai de Ana Francisca de Albuquerque (mãe Aninha) e avô do renomado educador sertanejo Padre Mestre Inácio de Sousa Rolim, tão conhecidos na história de Cajazeiras.

Segundo a professora, seu estudo, que tem se configurado um referencia no registro e na pesquisa histórica da comunidade de Nazarezinho, foi possível a partir daquilo que o povo guardou na memória. Os relatos foram essenciais na construção do documento.

Nesse sentido, trabalhos como este da Professora Augusta e como o que nos propomos a realizar é de fundamental importância no resgate da história local desse município, bem como na afirmação de uma identidade cultural mais sólida.

3 UM ESTUDO DE CASO SOBRE A IDENTIDADE LOCAL DE NAZAREZINHO - PB

3.1 Uma Identidade firmada nas histórias do Cangaço

A origem da comunidade remonta como em tantas outras origens de outros lugares à memória de um povo, a fatos sociais desse local que desencadearam o processo histórico de construção de uma comunidade. No caso específico de Nazarezinho – PB essa origem destaca alguns aspectos dentro desse processo que ganham relevo e destaque no cenário local.

Tais fatores referem-se aos aspectos políticos, religiosos e culturais, sobretudo naquilo que tange às festividades e acontecimentos culturais peculiares à localidade, a exemplo do cangaço. No caso de Nazarezinho, esse aspecto é um dos pontos fortes de suas origens. Os relatos dos moradores da cidade, ao serem interpelados sobre as recordações e memória sobre antepassados, sempre revelam esse recorte como fato marcante de sua história.

Sobre esse assunto, o professor e jornalista Francisco Pereira da Nóbrega, lança o livro “Vingança Não” com o intuito de narrar a história do cangaceiro Chico Pereira, natural de Nazarezinho e que, por questões específicas, acaba por se juntar ao bando de Lampião.

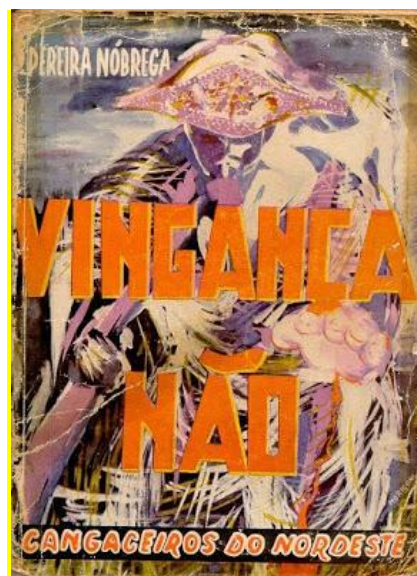


Figura 4: Capa do Livro Vingança Não, de Padre Pereira
Fonte: <http://cariricangaco.blogspot.com.br/>



Figura 5: Foto do cangaceiro Chico Pereira

Fonte: <http://blogdomendesemendes.blogspot.com.br/>



Figura 6: Antiga casa do Jacu, onde morava Chico Pereira

Fonte: <http://blogdomendesemendes.blogspot.com.br/>

A Figura 3 mostra a primeira edição do livro “Vingança Não”, lançado pelo professor Pe. Pereira que contou a saga de Chico Pereira, seu tio (Figura 4), que devido às brigas entre famílias por questões de ordem sociais e políticas, acabou por cometer assassinato e se refugiar junto ao bando de Lampião para evitar a prisão. Na Figura 5 temos a visão frontal da casa onde ele viveu, na zona rural do município de Nazarezinho.

Essa saga faz parte do imaginário coletivo do povo e alimenta as longas horas em calçadas e conferências da cidade sobre o cangaço, sobre a origem da cidade, sobre a sua história.

Outro livro que aborda o tema é “Um olhar da estrada: Memórias de Nazarezinho”, de Humberto Mendes de Sá Formiga, onde o autor seleciona uma coletânea de memórias e de informações sobre a comunidade local: sua cultura, política, economia, entre outros aspectos.



Figura 7: Capa do Livro de Humberto Mendes

Fonte: <https://clubedeautores.com.br>

Em seu preâmbulo, Formiga (2011, p. 11) explica o objetivo da obra:

Estas são memórias de um tempo em que a luz elétrica era um sonho, distante do interior. Até aqueles idos, o sertão era, à noite, o reflexo das chamas tênues de lamparinas corajosas, que enfrentavam uma escuridão que só temia o sol. São Lembranças de um sertão rural, de natureza parcimoniosa, pródiga em inebriar inocentes, com o cheiro da terra molhada e os prazeres dos banhos de rio e de sol e do abandono à brisa fresca, à sombra rara, aos amores. Reminiscências de sentimentos extremos. Da vontade de ficar ao impulso de nunca mais voltar. Da busca de vitórias impossíveis. De lutas das vidas todas. De alegrias e tragédias. De risos e lágrimas. De idas e vindas. São Recordações dos avós, dos pais, dos irmãos, dos amigos, da família, de marias e josés, das paisagens, das cores, de tudo. Memórias de um lugar outrora chamado Nazareth, que nosso carinho transformou em Nazarezinho, um espaço eterno a nos habitar, a nos unir e a nos separar. Estas memórias são uma parte indizível da saudade mais profunda de nós.

Enfim, são documentos que ajudam a registrar a memória da comunidade nazarezinense, além de propagar a sua cultura e firmar uma identidade local. Na realidade, esse acervo sobre a história do povo e da comunidade de Nazarezinho apenas agora começou a ser organizada, haja vista a cidade estar engatinhando em seus aspectos culturais mais formais. É justamente por isso que surge esta proposta de pesquisa, no intento de fomentar tal documentação.

3.2 Uma identidade calcada na Religiosidade

Outro aspecto importante quando se busca relatos das origens do município, é a referencia a um episódio religioso, onde uma criança morta a flechada, a exemplo de São Sebastião, atribui o nome do padroeiro local com base nesse evento.

De acordo com Sousa (2004, p. 1):

O padroeiro escolhido para a capela foi o mártir São Sebastião. Segundo a tradição, a escolha foi em virtude de que um senhor de escravos Manoel Siqueira, residente nessa localidade tinha um filho por nome Sebastião e o mesmo brincava de matar lagartixa com outro menino, um de seus escravos. No momento em que o garoto disparava a flecha contra a lagartixa, Sebastião saía à porta e fora atingido pela flecha, e não resistindo ao ferimento acabou morrendo. Seu pai, que foi um grande contribuinte da construção da capela pediu aos encarregados que o padroeiro fosse São Sebastião em virtude de seu filho ter tido morte semelhante à dele.

Para a autora, esse caráter religioso, e até certo ponto também lendário, da formação cultural da comunidade de Nazarezinho – PB foi determinante na construção da sua identidade local.

Citando alguns eventos religiosos, Formiga (2012, p. 125) destaca:

Atualmente, tirante a energia elétrica e a presença de motos e carros, a festa do padroeiro São Sebastião conserva-se ainda como o grande evento que congrega as práticas religiosas e as pagãs no município de Nazarezinho, sendo o episódio festivo mais comemorado do lugar. A novena ainda obtém grande participação da população local e as festas de rua são bastante movimentadas. Comparando-se com outras festas do ano, no povoado primitivo, as festas juninas eram muito comemoradas, mas não rivalizavam com a festa do padroeiro. No Natal, as famílias abriam as casas da rua, mantidas para as festas, e ficavam até a passagem do ano.

O autor destaca o caráter provinciano da comunidade ao destacar a festa do padroeiro local como sendo o maior acontecimento da cidade. De fato, nessa época do ano, os filhos da terra retornam de seus lares outros para passar suas férias junto da família e dos amigos. Também turistas e curiosos chegam de todas as redondezas para participar do evento. É, de fato, um grande acontecimento religioso e cultural no lugar.

Formiga (2011, p. 24) afirma que há um turismo de evento no que concerne à realização da Festa de São Sebastião na cidade:

No entanto, o turismo de evento já se faz tradicional, em decorrência das festividades realizadas em comemoração ao padroeiro São Sebastião. As festas movimentam fortemente o comércio local nos primeiros vinte dias de janeiro, recebendo grande fluxo de pessoas das cidades vizinhas, fortalecido pelo retorno dos emigrantes locais, residentes em outros estados.

Trata-se de acontecimento que movimenta todos os segmentos da sociedade: religioso, político, cultural, social e educacional, uma vez que tudo é feito em prol desse acontecimento tão singelamente organizado. Durante o mês de janeiro, a cidade se transforma e enche o ar de uma magia peculiar. Seus habitantes esbanjam alegria, pois grande parte dos pais tem a alegria do retorno dos filhos que há muito não apareciam.



Figura 8: Vista da Igreja Matriz de São Sebastião

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres>



Figura 9: Procissão de São Sebastião

Fonte: <http://www.google.com.br/imgres>

Festas e atrações culturais durante todo o mês animam a cidade, a juventude ganha as ruas, os bares e os clubes locais e as praças. Também os idosos e casais relembram emocionados suas histórias com as belas serestas musicais.



Figura 10: Praça Central

Fonte: www.obeabadosertao.com.br

Ainda destacando o fator religioso, o autor aponta alguns rituais e aspectos quanto ao tratamento e percepção da morte para os membros da comunidade:

Os enfermos moribundos eram preparados espiritualmente para o momento final, pela comunhão, pela confissão, pela extrema unção e por meio das visitas de tantos quantos se dispusessem a presenciar os instantes em que a vela acesa apoiada entre as mãos testemunhava a última batalha. Antes dos primeiros cemitérios públicos, as pessoas de maior destaque social eram sepultadas nas igrejas ou próximo às capelas. Falecido um popular, o corpo era conduzido à última morada em uma rede suspensa por uma estrutura de madeira levada por quatro pessoas.

Nessa passagem, o autor apresenta um fato bastante comum que costumava acontecer no sertão nordestino: a vela acesa ante a morte o enterro em rede. Tais fatores religiosos eram fruto da compreensão do homem da época sobre a morte e a maneira de conduzir neste momento.

Em se tratando de questões políticas, o Município de Nazarezinho pertenceu a Cajazeiras – PB, conforme aponta Augusta (2003, p. 18): “O povoado de Nazareth pertencia a Cajazeiras, pela Lei de Província de 28 de agosto de 1856, depois, passou a pertencer ao município de Sousa – PB”.

A comunidade foi assim, como outras, conquistando autonomia política até se tornar cidade e hoje se encontrar no pólo do sertão paraibano como cidade de fortes expressões culturais, em especial com foco nas festividades locais.



Figura 11: Vista da Prefeitura Municipal de Nazarezinho

Fonte: www.google.com.br/images

Falar de uma identidade local significa fazer um passeio pelo passado e pela história de todo um povo com a sua cultura, seu modo de vida, sua história, enfim. A comunidade de Nazarezinho como tantas outras pequenas comunidades do sertão paraibano possui uma história cheia dos mais variados expoentes que se constituem excelentes fontes de pesquisa, haja vista a riqueza que há nos detalhes da sua cultura, da sua religião, da sua política, da sua dinâmica de vida, afinal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história, a origem, a cultura, enfim, a identidade de um povo não pode, e não deve ser renegada a um canto obscuro da memória. Os relatos, os causos, as experiências há tanto tempo vividas devem se concretizar em documentos tais que possam consolidar um aparato concreto em forma de registro dessa história. É desse modo que se pode perpetuar uma cultura, passar às futuras gerações todas as informações que formam o acervo histórico desse mesmo povo.

Os aspectos mencionados acima fazem parte das narrativas que aparecem sempre que se busca a memória coletiva do povo nazarezinense e traçam o perfil cultural da comunidade, uma vez que acabam por definir sua identidade.

Esse breve relato buscou contribuir de modo singelo para a consolidação de um legado que constitui a história do povo de Nazarezinho e, nesse sentido, se firma como documento fundamental às pesquisas vindouras que abordarão essa temática.

Falar da história de um povo é possibilitar um reencontro com o passado. O presente trabalho buscou sistematizar os pontos mais fortes da cultura local que saltam sempre às rodas de conversas que se formam entre as famílias e os amigos da cidade quando das horas de descontração.

O município é um espaço rico de aspectos a serem estudados: sua cultura, sua política, sua religião, e todo o aparato social de convivência humano são um poço de pesquisa que atrai historiadores e curiosos do assunto.

Esse trabalho acabou por incorporar um valor que vai além dos limites acadêmicos, pois que perscruta a vida, a morte, a identidade a história dessa gente. A minha história.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTA, M. S. **Nazarezinho: das origens aos dias atuais**. Artigo publicado em 2003
- CASTELLS, Manuel; GERHARDT, KlausBrandini (trad.). **O poder da identidade**. V. 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- FERNANDES, Leticia Prezzi. **Quem é da tua família?:** Gênero, relações familiares e situação de rua. 31ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2008.
- FORMIGA, Humberto Mendes de Sá. **Um olhar da estrada: Memórias de Nazarezinho**. Brasília: Gráfica VIP, 2012.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.
- LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**: Da natureza da cultura ou da natureza à cultura. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Saraiva, 1992.
- NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO. 28.Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. **Gênero e risco de HIV/AIDS nas campanhas de educação em saúde através da mídia**. 29ª Reunião anual da ANPED: Caxambu, 2006.
- SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- SOUSA, M. F. S de. **Paróquia São Sebastião**: um serviço em prol da vida. UFCG: Cajazeiras, 2004.
- SMITH, W. **Barão Geraldo**: história e identidade local. In: Revista de história regional 7(2):207-230, Inverno 2002. Disponível em: <http://eventos.uepg.br/ojs2/index.php/rhr/article/viewFile/2162/1642>. Acesso em 24 de janeiro de 2014.
- VIEIRA FILHO, Nelson Antônio Quadros. **O turista e seu comportamento**: reflexões a partir de um estudo antropológico em Lavras Novas, Ouro Preto (MG). SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL CAXIAS DO SUL, III. 5 e 6 ago. 2005. *Anais ... Caxias do Sul: Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul*, 2005.
- ARAÚJO, M. P. N.; SANTOS, M. S. dos. **História, memória e esquecimento**: implicações políticas. Revista Crítica de Ciências Sociais, 79, Dezembro 2007: 95-111.
- MOREIRA, R. N. P. **História e memória**: algumas observações. Universidade Estadual da Bahia (UNEB).

RABELO, A. O. **Memória e subjetividade**: elementos para refletir sobre a singularidade das professoras. UNIRIO: Santa Maria, 2007.

ROUSSO, Henry. **A memória não é mais o que era**. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coords.). Usos e abusos de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.